

**APRESENTAÇÃO**  
**UM CANTO PARA O CENTENÁRIO**

## APRESENTAÇÃO

### Um canto para o centenário

Estamos às vésperas do ano de 2022, ano do centenário de nascimento de José Saramago. Nascido a 16 de novembro de 1922, podemos dizer, sem erro, que a partir do próximo dia 17 de novembro já podemos abrir o tempo das esperadas comemorações.

Uma comemoração *in absentia*? Não será bem assim. Porque as vidas deixam marcas, criam lastros, e continuam presentes, quando foram vividas com dignidade, com compromisso, deixando atrás de si uma trajetória de superações – quase inverossímil – que fizeram do menino, filho e neto de camponeses, que comprou seu primeiro livro aos 17 anos, o primeiro prêmio Nobel de Literatura em língua portuguesa. A Biblioteca do Palácio Galveias, em Lisboa, guarda a lembrança de um jovem visitante que lá ia quase diariamente, após o colégio ou o trabalho, para aceder aos livros que a sua curiosidade ia aleatoriamente apontando, a ponto de a sua ficha de leitor já não precisar voltar aos ficheiros, ficando lá, à sua espera, até o dia seguinte.

Sem precisar de qualquer garantia de sobrevivência em espaços transcendentais, é mesmo aqui, na terra, que José Saramago ficará sempre como memória viva. Debaixo da azinheira plantada no pátio da frente da Casa dos Bicos – agora Fundação José Saramago – estão parte das suas cinzas. E uma frase memorável está inscrita ao longo do calçamento: “Mas não subiu para as estrelas, se à terra pertencia e a Blimunda”. Somos todos os que o conheceram em seu combate em nome da justiça e da liberdade do homem no mundo – palestinos, sem-terra, migrantes –, somos todos os que o leem e continuarão a lê-lo, uma espécie de Blimunda, que guarda consigo a vontade desse Baltasar / José, para que ela frutifique num mundo carente de utopias.

Este número da Revista *Metamorfoses* da Cátedra Jorge de Sena da Universidade Federal do Rio de Janeiro é uma homenagem a José Saramago através de uma reunião de vozes, etimologicamente uma sinfonia, para celebrar o seu centenário. É um número temático inteiramente dedicado a ele. São vozes afinadas, de tonalidades variadas, mais experientes ou mais jovens, que repassam seduzidas os textos que ele deixou: os romances – *Levantado do*



A revista *Metamorfoses* utiliza uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) (CC-BY-NC).

*chão, Memorial do Convento, O ano da morte de Ricardo Reis, Evangelho segundo Jesus Cristo, Ensaio sobre a cegueira, Todos os nomes, A caverna, Ensaio sobre a lucidez*, incluindo o texto inacabado *Alabardas alabardas, espingardas espingardas*. Mas não só: porque essas vozes recuperam também os contos, as crônicas, os *Cadernos de Lanzarote, As pequenas memórias*. São leituras que ora fazem dialogar o texto de Saramago com o de outros autores – Borges, Herman Broch, Tomasi di Lampedusa – em exercício comparatista, ora relançam certas constantes da sua obra, como a presença do maravilhoso ou do insólito. Retomam reiteradamente, ainda, a questão da ética, agudizada num presente que tornou universalizante a ameaça da morte, seja pela pandemia, seja por outras doenças morais e políticas que ameaçam os refugiados, submetidos não só às guerras ou às calamidades climáticas, mas também à absurda negligência dos países em que buscam acolhimento.

Na introdução de *Terra*, álbum de fotografias de Sebastião Salgado, com poemas e música de Chico Buarque, escrevia Saramago, em modo de irônica narrativa do Gênesis, que os homens se haviam esquecido “de que sendo a morte de todos, a vida também o deveria ser”. E não foram poucos os momentos em que ele conclamou os Estados e os seus governantes, tão ciosos de terem elaborado, enfim, depois da grande hecatombe da segunda guerra mundial, a carta magna da Declaração Universal dos Direitos do Homem, a não se esquecerem de que ela não era tudo, pois “ nenhuns direitos poderão subsistir sem a simetria dos deveres que lhes correspondem, o primeiro dos quais será exigir que esses direitos sejam não só reconhecidos, mas também respeitados e satisfeitos”(Estocolmo, 10/12/1998).

Ainda em Estocolmo, quase ao fim do discurso na Academia Sueca, pronunciado a 7 de dezembro de 1998, José Saramago afirmava ter escrito o *Ensaio sobre a cegueira*, “para recordar a quem o viesse a ler que usamos perversamente a razão quando humilhamos a vida, que a dignidade do ser humano é todos os dias insultada pelos poderosos do nosso mundo, que a mentira universal tomou o lugar das verdades plurais, que o homem deixou de respeitar-se a si mesmo quando perdeu o respeito que devia ao seu semelhante”. Tal como o fizera Albert Camus, no mesmo espaço e na mesma celebração, José Saramago assumia não temer a proposta – aparentemente fora de moda – de uma função ética e social para a arte.

Os textos que fazem parte desta edição são as vozes de um canto para o centenário. Há sopranos e contraltos e baixos e meios sopranos, há por vezes o paralelismo de um cânon, há vozes maduras e jovens vozes, mas o que ressalta é mesmo uma harmonia, um desejo de memória, uma celebração.

Não podemos encerrar sem agradecimentos especiais a Pilar del Río, que aceitou contribuir com este número on-line da Revista *Metamorfoses* (eis aí um dos lados positivos da perda da impressão em papel), enviando, a nosso pedido, uma visita filmada pela Fundação José Saramago, de que ela é orgulhosamente a presidenta. E o fez nada mais nada menos que com o apoio do cineasta Miguel Gonçalves Mendes, aquele mesmo que filmou *José e Pilar*, e que

aceitou o desafio de um trabalho produzido em pouquíssimos dias, a fim de que pudesse integrar também a cena de abertura de uma mesa-redonda em homenagem a José Saramago, realizada em julho deste ano, no âmbito das realizações culturais do Real Gabinete Português de Leitura. A série denominada “Luso-Brasilidades: práticas e trânsitos”, coordenada pela Professora Gilda Santos, Vice-Presidenta dessa instituição reconhecida em várias partes do mundo como difusora da cultura portuguesa, contou ainda com uma entrevista informal, em modo de conversa e de evocação pessoal e literária, com o Professor Carlos Reis, da Universidade de Coimbra, amigo do autor e um de seus mais agudos leitores. Esse material audiovisual, com o perdão do termo arcaizante, que havia sido pensado anteriormente pelos dois coordenadores deste número da Revista *Metamorfoses* – André Corrêa de Sá (UCSB) e Teresa Cerdeira (UFRJ) – retorna agora, cedido pelo Real Gabinete, ao espaço da revista, como um hiperlink que a modernidade nos faculta. Afinal, é dessas alianças que a difusão da cultura se nutre.

Quanto ao mais, os textos estão aí, oferecidos à leitura, como um complemento à já imensa bibliografia sobre o autor. É o contributo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, através da Cátedra Jorge de Sena, e da Universidade da Califórnia Santa Barbara que, numa aliança de recíproca generosidade, se dispõem a abrir as comemorações do centenário de nascimento de José Saramago.

Rio de Janeiro / Santa Barbara

Setembro de 2021

Teresa Cerdeira e André Corrêa de Sá